

#### Capítulo 4. produção de valor capitalista e a mudança da classe trabalhadora para o Sul

Dado o tema deste livro, focamos aqui nas consequências das tentativas dos monopólios de combater o declínio de suas taxas de lucro no mundo semicolonial. O impulso do capital monopolista para aumentar a super-exploração do mundo semicolonial levou a uma mudança em larga escala da produção e, conseqüentemente, da classe trabalhadora ao Sul do globo. Como resultado, a produção de valores capitalistas veio cada vez mais do Sul. Já apontamos esse desenvolvimento em nosso livro em língua alemã sobre a Revolução Árabe ("*Die halbe Revolution. Lehren und Perspektiven des arabischen Aufstandes*") e queremos elaborar mais sobre esta questão aqui. 1

Como podemos ver nas várias Tabelas e Figuras abaixo, temos testemunhado um longo processo de industrialização do Sul na época do imperialismo. De acordo com um estudo do economista soviético S.L. Wygodski, em 1938 os países imperialistas tinham uma participação de 91,7% na manufatura mundial e os países semicoloniais produziam 8,3%. (2) Como a Tabela 6 mostra essa participação dos países semicoloniais cresceu para 15,4% em 1979.

**Tabela 6: Participação dos Países Imperialistas e Semicoloniais na Produção Industrial Mundial 1948-1979** 3

	1948	1971	1979
<b>Países capitalistas desenvolvidos</b>	89%	86%	4.6%
<b>Países em desenvolvimento</b>	11%	14%	5.4%

Nas últimas três décadas, esse processo de industrialização do mundo semicolonial acelerou ainda mais. A participação do Sul na produção industrial mundial cresceu - como mostram a Tabela 7 e a Figura 12 - de 19,2% em 1985 para 35,8% em 2010.

**Tabela 7: Manufaturas por Região, 1985, 1990, 2000 e 2010 (em %) 4**

Table 7: Manufacturing Share by Region, 1985, 1990, 2000 and 2010 (in %) <sup>35</sup>

	1985	1990	2000	2010
World	100%	100%	100%	100%
Developed Countries	80.8%	79.3%	76.1%	64.4%
Developing Countries	19.2%	20.7%	23.9%	35.8%
Eastern Europe and ex USSR	-	3.7%	1.9%	2.3%
Eastern Europe and ex USSR (without Russia)	-	1.4%	1%	1.4%
East Asia	8.2%	6.3%	11.1%	20.9%
East Asia (without China)	3.9%	3.6%	4.4%	5.5%
South Asia	1.7%	1.5%	1.8%	2.8%
Latin America	5.4%	6.1%	5.9%	5.7%
Sub-Saharan Africa	1%	0.8%	0.7%	0.7%
Sub-Saharan Africa (without South Africa)	0.5%	0.3%	0.3%	0.3%
Middle East and North Africa	1.4%	2.3%	2.6%	3.1%

World= mundo ; developed countries= países desenvolvidos

Developing countries= países em desenvolvimento

Eastern Europe and URSS= Leste Europeu e ex-Repúblicas Soviéticas

Eastern Europe and URSS= Leste Europeu e ex-Repúblicas Soviéticas (sem a Rússia)

East Asia= Leste da Ásia

East Asia ( without China)= Leste da Ásia ( sem a China)

South Asia= Sul d Ásia

América Latina

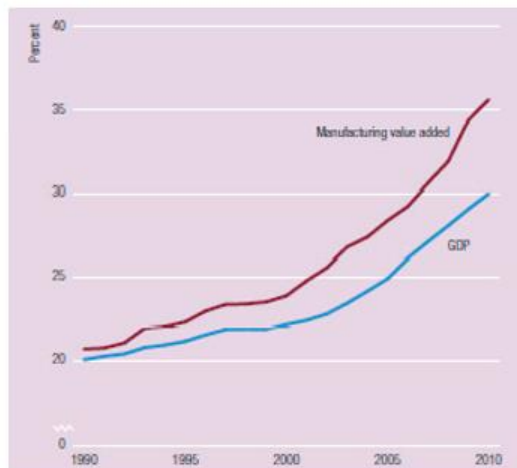
África Sub-Sahariana

África Sub-Sahariana ( sem a África do Sul)

Oriente Médio e Norte da África

Figura 12 (ver arquivo PDF): Participação das Economias em Desenvolvimento no Valor Agregado e PIB da manufatura mundial, 1990-2010 5

**Figure 12: Developing Economies' Share in World Manufacturing Value Added and GDP, 1990–2010** <sup>86</sup>



Essa mudança da produção industrial mundial – o núcleo da produção de valores capitalistas – é o resultado do duplo processo de declínio da indústria e da criação de valor em geral nos antigos países imperialistas e da ascensão da indústria e da criação de valor no mundo semicolonial e da emergente China imperialista. Na Tabela 8 podemos ver que a indústria contabilizou 31,8% do PIB em 1990, mas apenas 24,9% em 2005. Nos chamados países em desenvolvimento, por outro lado, a participação da indústria passou de 35,9% para 37,8%.

**Tabela 8 (ver arquivo PDF): Participação da Produção por Setor em Países Desenvolvidos e em Desenvolvimento 1990-2005 (em %) <sup>87</sup>**

Agricultura/ indústria/ serviços

**Table 8: Share of Output by Sector in Developed and Developing Countries 1990–2005 (in %) <sup>87</sup>**

	<i>Developed Countries</i>			<i>Developing Countries</i>		
	<i>Agriculture</i>	<i>Industry</i>	<i>Service</i>	<i>Agriculture</i>	<i>Industry</i>	<i>Service</i>
<b>1990</b>	2.7%	31.8%	65.4%	14.9%	35.9%	49.2%
<b>1995</b>	2.2%	29.2%	68.6%	12.8%	35.9%	51.3%
<b>2000</b>	1.8%	26.9%	71.3%	10.8%	36.7%	52.5%
<b>2005</b>	1.6%	24.9%	73.5%	10.5%	37.8%	51.7%

Temos uma visão mais atenta da participação atual da indústria em diferentes regiões se olharmos para a Tabela 9. Esta tabela mostra que cada região do Sul tem uma parcela maior da indústria em sua economia do que os antigos centros imperialistas, Europa Ocidental, América do Norte e Japão.

Tabela 9: Participação dos Setores Econômicos do PIB em várias Regiões Mundiais 2008 (em %)

Z

	<b>Agriculture</b>	<b>Industry</b>	<b>Service</b>
<b>World</b>	4.0%	30.1%	65.9%
<b>Africa</b>	16.5%	40.7%	42.8%
<b>Latin Amerika</b>	6.1%	34.2%	59.7%
<b>East Asia</b>	9.3%	43.7%	47.1%
<b>South Asia</b>	17.5%	31.0%	58.3%
<b>South-East Asia</b>	11.9%	41.8%	46.3%
<b>Eastern Europe and ex USSR</b>	6.1%	36.4%	57.5%
<b>USA</b>	1.1%	21.9%	77.1%
<b>Japan</b>	1.4%	28.8%	69.7%
<b>Western Europe</b>	1.8%	27.1%	71.1%
<b>Oceania</b>	3.1%	28.2%	68.7%
<b>Middle East</b>	4.8%	49.7%	45.5%
<b>North Afrika</b>	12.7%	46.0%	41.2%

Se olharmos mais de perto para os vários setores de commodities industriais, podemos ver o aumento das economias do Sul também. A Tabela 10 dá uma visão geral sobre 22 categorias diferentes de commodities industriais e mostra a crescente participação do Sul de 1995 a 2009 em quase cada um desses setores. A tabela mostra que em 2009 dessas 22 categorias diferentes o Sul produziu menos de

1/3 da produção mundial em apenas 7. E em 7 categorias de commodities industriais o Sul produziu ainda mais do que a metade da produção mundial.

**Tabela 10 (ver arquivo PDF): Participação dos Países em Desenvolvimento e Desenvolvidos do valor global da manufatura adicionado pelo setor da indústria, anos selecionados, 1995-2009 (em %) 8**

Table 10: Developing and Developed Countries' Share of Global Manufacturing Value added by Industry Sector, Selected Years, 1995-2009 (in %) <sup>88</sup>

International Standard Industrial Classification	Developing Countries		Developed Countries	
	1995	2009	1995	2009
Food and beverages	30.6%	47.9%	69.4%	52.1%
Tobacco products	55.2%	80.1%	44.8%	19.9%
Textiles	43.1%	74.7%	56.9%	25.3%
Wearing apparel and fur	29.7%	71.6%	70.3%	29.4%
Leather, leather products & footwear	40.5%	77.2%	59.5%	22.8%
Wood products (excluding furniture)	18.8%	33.7%	81.2%	66.3%
Paper and paper products	16.6%	34.6%	83.4%	65.4%
Printing and publishing	10.5%	17.9%	89.5%	82.1%
Coke, refined petroleum products, nuclear fuel	42.9%	57.9%	57.1%	42.1%
Chemicals and chemical products	23.9%	43%	76.1%	57%
Rubber and plastics products	24.6%	46.7%	75.4%	53.3%
Non-metallic mineral products	32.1%	53.7%	67.9%	46.3%
Basic metals	29%	63.2%	71%	36.8%
Fabricated metal products	15.9%	29.8%	84.1%	70.2%
Machinery and equipment	15.3%	30.3%	84.7%	69.7%
Office, accounting and computing machinery	21.8%	21.7%	78.2%	78.9%
Electrical machinery and apparatus	19.6%	46.6%	7.6%	53.4%
Radio, television and communication equipment	19.9%	18.5%	80.1%	81.5%
Medical, precision and optical instruments	11.8%	23.1%	88.2%	76.9%
Motor vehicles, trailers and semitrailers	15.9%	30.5%	84.1%	69.5%
Other transport equipment	19.8%	39.9%	80.2%	60.1%
Furniture; manufacturing not elsewhere classified	16.8%	34.6%	83.2%	65.4%

Translation below :

**International standard industrial classification=Classificação industrial padrão internacional**

**Alimentos e bebidas \_\_\_\_\_**

**Produtos de tabaco \_\_\_\_\_**

**Têxteis \_\_\_\_\_**

**Vestuários e peles de animais Couro, produtos de couro e calçados\_\_**

Produtos de madeira (excluindo móveis) \_\_\_\_\_

Papel e produtos de papel \_\_\_\_\_

Impressão e publicação \_\_\_\_\_

Coque, produtos refinado de petróleo, combustível nuclear \_\_\_\_\_

Químicos em geral e produtos químicos \_\_\_\_\_

Borracha e produtos plásticos \_\_\_\_\_

produtos minerais não metálicos \_\_\_\_\_

Metais básicos \_\_\_\_\_

Produtos de metal fabricados \_\_\_\_\_

Máquinas e equipamentos \_\_\_\_\_

Máquinas de escritório, contabilidade e de computação \_\_\_\_\_

Maquinaria elétrica e aparelhos \_\_\_\_\_

Rádio, televisão e equipamento de comunicação \_\_\_\_\_

Instrumentos Médicos, de precisão e instrumentos ópticos \_\_\_\_\_

Veículos motorizados, reboques e semirreboques \_\_\_\_\_

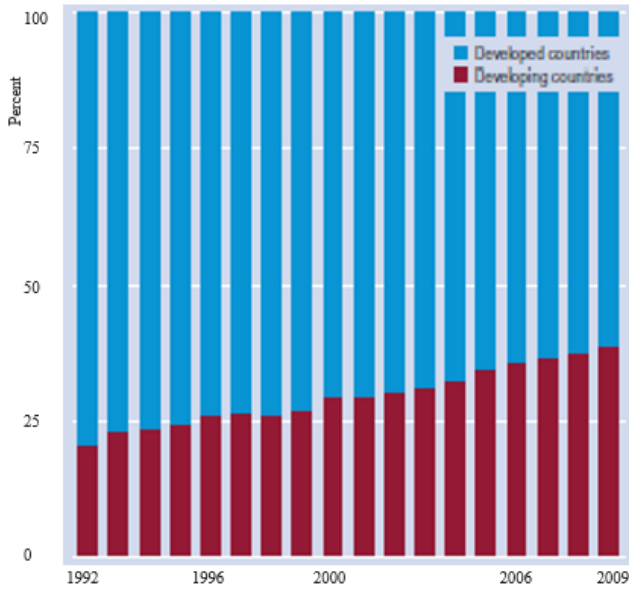
Outros equipamentos de transporte \_\_\_\_\_

Mobília; manufaturas não classificadas em outros lugares \_\_\_\_\_

Essa mudança para o Sul também se reflete na sua crescente participação nas exportações mundiais de manufatura, como mostra a Figura 13. Entre os anos de 1992 e 2009, a participação dos chamados países em desenvolvimento nas exportações manufatureira dobrou de 20,4% para 39%.

**Figura 13 (ver arquivo PDF): Participação mundial dos países desenvolvidos e em desenvolvimento das exportações das manufaturas , 1992-2009 9**

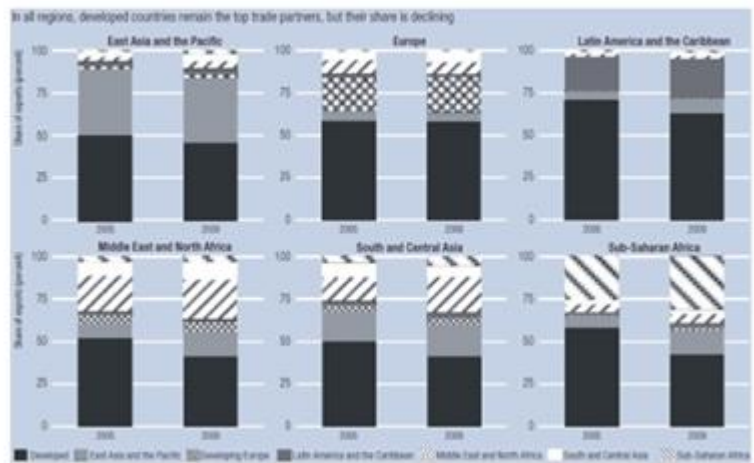
Figure 13: Developed and Developing Countries' Share of World Manufactured Exports, 1992–2009 <sup>10</sup>



Ao mesmo tempo, a participação das exportações manufatureira provenientes dos antigos países imperialistas (os "Países Desenvolvidos") diminuiu em várias regiões do Sul, como mostra a Figura 14.

Figura 14: Mercados de Exportações Manufaturadas por Região, 2005 e 2009 <sup>10</sup>

Figure 14: Manufactured Exports Markets by Region, 2005 and 2009 <sup>11</sup>



O processo paralelo à industrialização do Sul é o relativo declínio crescente da produção de valor nas antigas terras imperialistas. Isto é particularmente visível se olharmos para a Grã-Bretanha, o país

capitalista mais antigo. Em 1965, tinha 8,8 milhões de trabalhadores na fabricação. Em 1978, isso caiu para 7,3 milhões de trabalhadores industriais, o que representou 32% de todos os empregados. Em meados da década de 1990, isso havia diminuído ainda mais para apenas 3,8 milhões ou 18% da força de trabalho. Ao mesmo tempo, o capital do monopólio britânico empreendeu enormes investimentos no exterior. A partir de uma exportação de capital de £ 26 bilhões (libras), recebeu 36% de seu lucro total em 1990. 11 Em 2005, o lucro líquido do investimento internacional britânico já subiu para £ 29,8 bilhões. 12

### **Os clássicos marxistas sobre a industrialização do Sul**

Esses desenvolvimentos confirmam o prognóstico dos clássicos marxistas que previram que o parasitismo imperialista e o impulso à exportação de capital acelerariam a industrialização do mundo semicolonial. Uma das principais incompreensões da teoria de Lênin é a ideia de que os marxistas negam a possibilidade de industrialização do mundo semicolonial. Apenas alguns anos atrás Chris Harman, que era um dos principais teóricos do SWP/IST, ainda alegou que estava provado que Lênin errou porque a exportação de capital para as colônias supostamente não levou ao seu desenvolvimento industrial:

*"Mas havia um grande problema com a teoria de Lênin quando se tratava do mundo colonial." Imperialismo: O Estágio Mais Alto do Capitalismo considerou que a exportação de capital para as colônias levaria ao seu desenvolvimento industrial." 13*

Como mostramos acima com uma série de estatísticas e fatos este argumento do SWP/IST contra a teoria de Lênin não é nada mais do que uma negação bizarra da realidade! É claro que é um fato óbvio que a dominação imperialista dificultou o desenvolvimento de uma indústria nos países oprimidos. Mas a dominação imperialista do mundo colonial não fez e não significa que a industrialização não possa ocorrer no mundo colonial e semicolonial. Muito pelo contrário! A exportação de capital a partir do capital monopolista imperialista leva necessariamente a uma industrialização dos países menos desenvolvidos. E, de fato, isso é o que vimos nas últimas décadas. Na verdade, o próprio Lênin já previu esse desenvolvimento. Em um artigo de 1916 "O Programa Militar da Revolução Proletária" ele apontou que o imperialismo leva a um rápido desenvolvimento das relações de produção capitalistas no mundo colonial e semicolonial:

*"Uma das principais características do imperialismo é que acelera o desenvolvimento capitalista nos países mais atrasados e, assim, amplia e intensifica a luta contra a opressão nacional. Isso é um fato, e a partir dele inevitavelmente segue que o imperialismo deve muitas vezes dar origem a guerras nacionais." 14*

E em seu livro clássico sobre imperialismo Lênin observou:

*"A exportação de capitais influencia e acelera muito o desenvolvimento do capitalismo nos países para os quais é exportado. Embora, portanto, a exportação de capital possa tender até certo ponto a deter o desenvolvimento nos*



*países exportadores de capital, ela só pode fazê-lo expandindo e aprofundando o desenvolvimento do capitalismo em todo o mundo."* 15

Trotsky que viveu 16 anos a mais do que Lênin pôde ver o desenvolvimento concreto desta industrialização do Sul. Ele observou que os EUA imperialistas e a Grã-Bretanha são forçados a financiar a industrialização dos países coloniais, a fim de obter lucros maiores:

*"Por outro lado, podemos ver também que a mesma América e a mesma Grã-Bretanha são obrigadas a financiar o desenvolvimento econômico dos países coloniais, levando-os assim ao longo do caminho da revolução a um ritmo frenético."* 16

Trotsky desenvolveu essa ideia em sua crítica ao programa centrista para o congresso da Internacional Comunista em 1928. O rascunho do programa foi escrito por Bukharin, mas publicado em nome dele e de Stalin:

*"Ao contrário dos sistemas econômicos que o precederam, o capitalismo visa inerente e constantemente a expansão econômica, a penetração de novos territórios, a superação das diferenças econômicas, a conversão de economias provinciais e nacionais autossuficientes em um sistema de inter-relações financeiras. Assim, provoca sua aproximação e equaliza os níveis econômicos e culturais dos países mais progressistas e mais atrasados. Sem este processo principal, seria impossível conceber o nivelamento relativo, primeiro, da Europa com a Grã-Bretanha, e depois, da América com a Europa; a industrialização das colônias, a diminuição da distância entre a Índia e a Grã-Bretanha, e todas as consequências decorrentes dos processos enumerados sobre os quais se baseia não só no programa da Internacional Comunista, mas também na sua própria existência.*

*Ao aproximar economicamente os países uns dos outros e nivelar seus estágios de desenvolvimento, o capitalismo, no entanto, opera por métodos próprios, ou seja, por métodos anarquistas que constantemente minam seu próprio trabalho, estabelecem um país contra o outro, e um ramo da indústria contra o outro, desenvolvendo algumas partes da economia mundial enquanto dificultam e jogam de volta o desenvolvimento de outros. Apenas a correlação dessas duas tendências fundamentais - ambas decorrentes da natureza do capitalismo - nos explica a textura viva do processo histórico.*

*O imperialismo, graças à universalidade, penetrabilidade e mobilidade e à velocidade de ruptura da formação do capital financeiro como a força motriz do imperialismo, dá vigor a ambas as tendências. O imperialismo liga-se incomparavelmente mais rapidamente e mais profundamente às unidades individuais nacionais e continentais em uma única entidade, trazendo-as para a dependência mais próxima e vital umas das outras e tornando seus métodos econômicos, formas sociais e níveis de desenvolvimento mais idênticos. Ao mesmo tempo, atinge esse "objetivo", por tais métodos antagônicos, tais saltos de tigre, e tais incursões em países e áreas retrógradas que a unificação e nivelamento da economia mundial que ela efetuou, está perturbada por ela ainda mais violenta e convulsivamente do que nas épocas anteriores. Apenas uma compreensão dialética e não puramente mecânica da lei do desenvolvimento desigual pode possibilitar a prevenção do erro fundamental que a minuta do programa, submetida ao Sexto Congresso, não conseguiu evitar."* 17

Esse processo de exportação e industrialização de capital do Sul financiado pelo capital monopolista demonstra a validade da teoria de Trotsky sobre o desenvolvimento desigual e combinado e a

estratégia da revolução permanente. A expansão do capitalismo sob o domínio das potências imperialistas une cada vez mais todos os países em uma única economia mundial e, ao mesmo tempo, aumenta as contradições entre eles, ou seja, entre os países imperialistas e os semicoloniais.

No entanto, essa industrialização ocorre de forma muito distorcida, combinando formas muito avançadas de tecnologia com formas atrasadas e pequenas empresas. Marx fez uma observação em *Capital* Vol. III que antecipou tal desenvolvimento:

*"As desvantagens do modo de produção capitalista, com sua dependência do produtor sobre o preço monetário de seu produto, coincidem aqui, portanto, com as desvantagens ocasionadas pelo desenvolvimento imperfeito do modo de produção capitalista."* 18

Como resultado, a produtividade geral do trabalho nos países semicoloniais está consideravelmente por trás do nível das economias imperialistas. É verdade que hoje vários países semicoloniais estão exportando não só commodities agrícolas e de matérias-primas, mas também commodities industriais. Mas eles geralmente são substancialmente mais intensivos em mão-de-obra e têm menos contribuição altamente tecnológica do que as commodities industriais que são exportadas pelos países imperialistas.

Trotsky explicou isso usando o exemplo da Grã-Bretanha e da Índia:

*"Se considerarmos a Grã-Bretanha e a Índia como variedades polarizadas do tipo capitalista, então somos obrigados a dizer que o internacionalismo dos proletariados britânico e indiano não se baseia em uma identidade de condições, tarefas e métodos, mas em sua interdependência indivisível. Os sucessos do movimento de libertação na Índia pressupõem um movimento revolucionário na Grã-Bretanha e vice-versa. Nem na Índia, nem na Inglaterra é possível construir uma sociedade socialista independente. Ambos terão que entrar como partes em um todo superior. Sobre isso, e somente sobre isso, repousa o fundamento inabalável do internacionalismo marxista."* 19

Ele elabora o seguinte pensamento:

*"Cada país atrasado integrado ao capitalismo passou por várias etapas de diminuição ou crescente dependência dos outros países capitalistas, mas, em geral, a tendência do desenvolvimento capitalista é para um crescimento colossal dos laços mundiais, que se expressa no crescente volume de comércio exterior, incluindo, é claro, a exportação de capital. A dependência da Grã-Bretanha sobre a Índia naturalmente tem um caráter qualitativamente diferente da dependência da Índia sobre a Grã-Bretanha. Mas essa diferença é determinada, no fundo, pela diferença nos respectivos níveis de desenvolvimento de suas forças produtivas, e não pelo grau de sua autossuficiência econômica. A Índia é uma colônia; Grã-Bretanha, uma metrópole. Mas se a Grã-Bretanha fosse submetida hoje a um bloqueio econômico, pereceria mais cedo do que a Índia sob um bloqueio semelhante. Esta, por sinal, é uma das ilustrações convincentes da realidade da economia mundial.*

*O desenvolvimento capitalista – não nas fórmulas abstratas do segundo volume do *Capital*, que mantêm toda a sua significância como etapa de análise, mas na realidade histórica – ocorreu e só poderia ocorrer por uma expansão sistemática de sua base. No processo de seu desenvolvimento e, conseqüentemente, na luta com sua*

*contradição interna, todo capitalismo nacional se volta cada vez mais para as reservas do "mercado externo", ou seja, as reservas da economia mundial. A expansão incontrolável que cresce das crises internas permanentes do capitalismo constitui uma força progressiva até o momento em que se transforma em uma força fatal para o capitalismo."* 20

No entanto, a enorme industrialização do Sul não levou a uma mitigação do enorme antagonismo entre o capital e o trabalho e entre o imperialismo e o mundo semicolonial. A reprodução do capital sempre significa a reprodução das relações de produção, ou seja, as relações de exploração, como observou o teórico bolchevique Nikolai Bukharin em 1920:

*"O processo de reprodução não é apenas um processo de reprodução dos elementos materiais da produção, mas um processo de reprodução das próprias relações de produção."* 21

E, de fato, o que ainda vemos hoje – em *essência* não diferente dos tempos de Lênin e Trotsky – é uma reprodução das relações de produção capitalista-imperialista. Vemos a reprodução ampliada do mercado mundial dominada pelos monopólios imperialistas em um nível mais elevado com todas as suas consequências para o funcionamento da lei de valor.

É notável que Lênin – referindo-se ao crítico liberal do imperialismo John A. Hobson – previu já em 1916 um desenvolvimento como vemos agora. Ele citou a aprovação do cenário de Hobson de um mundo no qual as potências coloniais produzem cada vez menos e vivem cada vez mais do aluguel dos países oprimidos:

*"A perspectiva da partilha da China suscitou esta apreciação económica de [Hobson](#): «A maior parte da Europa Ocidental poderia então assumir o aspecto e o carácter que agora têm partes destes países, o Sul da Inglaterra, a Riviera, os lugares mais visitados pelos turistas e povoados por ricos da Itália e da Suíça, a saber: pequenos punhados de ricos aristocratas, que recebem dividendos e pensões do Extremo Oriente, com um grupo um pouco maior de empregados profissionais e de comerciantes e com um número maior de servidores domésticos e de operários na indústria de transportes e na indústria de acabamento de produtos manufaturados. Os ramos principais da indústria desapareceriam e os produtos alimentares e produtos semimanufaturados correntes fluiriam como um tributo da Ásia e da África.» «Eis as possibilidades que abre perante nós uma aliança mais ampla dos Estados ocidentais, uma federação europeia de grandes potências: ela não só não faria avançar a causa da civilização mundial como poderia significar o gigantesco perigo de um parasitismo ocidental: formar um grupo de nações industriais avançadas cujas classes superiores recebem um enorme tributo da Ásia e da África, com o qual sustentam grandes massas domadas de empregados e criados, ocupados já não na produção de artigos agrícolas e industriais de grande consumo mas no serviço pessoal ou no trabalho industrial secundário sob o controlo de uma nova aristocracia financeira. Que aqueles que estão prontos a não dar atenção a esta teoria» (deveria dizer-se: perspectiva) «como não merecedora de atenção, pensem nas condições económicas e sociais das regiões atuais do Sul da Inglaterra que já foram conduzidas a esta situação. Que pensem que enorme ampliação desse sistema se tornaria possível se a China fosse submetida ao controlo económico de semelhantes grupos de financeiros, "investidores" (rentistas), dos seus servidores políticos e comerciais-industriais, extraindo lucros do maior reservatório potencial que o mundo já conheceu, com o objetivo de consumir estes lucros na Europa. Evidentemente, a situação é demasiado complexa, o jogo das forças mundiais é demasiado*

*difícil de calcular para tornar muito provável esta ou qualquer outra interpretação do futuro numa só direção. Mas as influências que governam o imperialismo da Europa Ocidental hoje em dia avançam nesta direção e, se não encontrarem resistência, se não forem desviadas para outro lado, avançarão precisamente na direção desta culminação do processo."*

*O social-liberal [Hobson](#) não vê que só o proletariado revolucionário pode opor essa «resistência» e só sob a forma da revolução social. Por alguma coisa ele é social-liberal! Mas já em 1902 abordou magnificamente a questão tanto do significado dos «Estados Unidos da Europa» (para que saiba o kautskiano [Trótski!](#)) como de tudo aquilo que os kautskianos hipócritas tentam dissimular a saber: que os oportunistas (sociais-chauvinistas) trabalham juntamente com a burguesia imperialista precisamente na direção da criação de uma Europa imperialista aos ombros da Ásia e da África, que os oportunistas representam objetivamente uma parte da pequena burguesia e de algumas camadas da classe operária, parte subornada à custa dos superlucros imperialistas e transformada em cães de guarda do capitalismo, em corruptores do movimento operário." 22*

O fato de que hoje uma parcela substancialmente maior do valor capitalista global é criada no Sul não atenua as contradições entre os estados imperialistas e semicoloniais. Muito pelo contrário, esse desenvolvimento aguça essas contradições. Os monopólios imperialistas e seus estados ainda são mais fortes e mais poderosos do que as semicolônias. Mas sua base para o poder global é minada pela mudança da produção de valor para o Sul. Por isso, devem intervir de forma cada vez mais intensificada e aberta para continuar a apropriação de uma parte desse valor do Sul. Na verdade, isso constitui uma importante razão para a chamada "Guerra ao Terror" pelos EUA e outras potências imperialistas.

### **Valor e Preço no Mercado Mundial: A grande distorção da criação de valor no Sul**

Mostramos a enorme mudança do Norte para o Sul no PIB e na produção industrial. Veremos abaixo que a mudança no nível dos trabalhadores – ou seja, os produtores de riqueza – é ainda mais forte. No entanto, esses números ainda subestimam massivamente a mudança real que ocorreu. Na realidade, a criação de valor real no Sul é muito maior do que os números oficiais sugerem e a criação de valor real no Norte é muito menor do que os números oficiais sugerem. Como o economista marxista John Smith mostrou, há principalmente três razões para isso. 23 Primeiro, o PIB é uma figura que confunde valores reais e fictícios. Produção industrial e publicidade, mercado de ações, especulações financeiras, forças produtivas e forças destrutivas – tudo isso é somado. Obviamente, o mercado financeiro não produz nenhum valor, mas, no entanto, ajuda a explodir o PIB oficial. Uma vez que o mercado financeiro é baseado principalmente nos países imperialistas ricos, são principalmente os números do PIB do Norte que são artificialmente inflados e, portanto, reduzem a participação do Sul no PIB mundial nas estatísticas oficiais.

Em segundo lugar, como veremos abaixo, há uma fraude massiva contida nos números do PIB, uma vez que uma parcela substancial do valor criado no Sul é apropriada no Norte através do preço de

mercado no qual a mercadoria é vendida no Norte. Portanto, uma parcela substancial do valor criado no Sul aparece nos números oficiais do PIB criados no Norte. Para dar apenas alguns exemplos para explicar a ideia. Camisas de grife produzidas no Sudeste Asiático são vendidas na Europa por 5 a 10 vezes o preço de importação. Outro exemplo: Menos de 2% do valor total das camisas produzidas em Bangladesh são recebidos pelos produtores diretos como salários. O lucro das empresas locais equivale a cerca de 1% do valor total.

O trabalho de vender as camisetas no Norte dificilmente é a criação de valor (é um trabalho improdutivo, embora necessário). No entanto, os custos para o varejo, publicidade etc. no Norte são muito maiores do que os salários e o lucro do produtor local no Sul. O valor criado no Sul, portanto, não se expressa nos preços de mercado no Sul, mas nos preços de mercado no Norte. Desta forma, vemos novamente como o PIB oficial do Norte é inflado aos custos do PIB oficial no Sul.

Em terceiro lugar, temos a massiva super-exploração dos trabalhadores do Sul e a apropriação de lucros extras pelos capitalistas monopolistas no Norte. Mais uma vez, esses lucros são frequentemente contados como parte do PIB do Norte, mas na realidade são produzidos pelos trabalhadores do Sul.

### **A crescente importância do proletariado no Sul e nos países imperialistas emergentes**

Nas últimas décadas, testemunhamos um crescimento massivo da força de trabalho global. O economista trabalhista Richard Freeman estima que, na última década, a oferta global de mão-de-obra efetiva quase dobrou, de 1,46 para 2,93 bilhões. <sup>24</sup> Combinado com isso, testemunhamos um enorme crescimento da classe trabalhadora. Como podemos ver na Tabela 11, hoje quase metade da força de trabalho global – mais precisamente, 46,9% – são assalariados. <sup>25</sup> Em 1996, a participação era de 43,1%.

Como mostrado nesta tabela, é notável que (exceto os antigos países estalinistas e a América Latina) vemos em todas as regiões dos chamados países em desenvolvimento um aumento da parcela de trabalhadores assalariados entre a força de trabalho. Esse aumento é maior do que o dos chamados países desenvolvidos. Nos "países desenvolvidos" vemos um aumento de 82,4% em 1996 para 84,3% em 2008. Na Europa Oriental & ex-URSS houve queda de 77,1% para 76,6% no mesmo período. No leste da Ásia, houve um aumento maciço de 32,4% para 42,6%. No Sudeste Asiático também há um aumento substancial de 33,0% para 38,8%. No Sul da Ásia, voltou a subir de 17,1% para 20,8%; na América Latina, queda de 64,4% para 62,7%; no norte da África, um aumento de 54,4% para 58,3%, no Oriente Médio um aumento de 58,5% para 61,5% e na África Subsaariana um aumento de 20,6% para 22,9%.

**Tabela 11: Trabalhador assalariado como Parte de todos os Empregados por Regiões, 1996 e 2008 (em %) 26**

	<b>1996</b>	<b>2008</b>
<b>World</b>	43.1%	46.9%
<b>Developed economies</b>	82.4%	84.3%
<b>Eastern Europe &amp; ex-USSR</b>	77.1%	76.6%
<b>East Asia</b>	32.4%	42.6%
<b>South-East Asia</b>	33.0%	38.8%
<b>South Asia</b>	17.1%	20.8%
<b>Latin America</b>	64.4%	62.7%
<b>North Africa</b>	54.4%	58.3%
<b>Middle East</b>	58.5%	61.5%
<b>Sub-Saharan Africa</b>	20.6%	22.9%

Na Tabela 12 vemos que a integração das mulheres no processo trabalhista como trabalhadoras assalariadas também aumentou massivamente, embora haja, naturalmente, diferenças regionais devido aos diferentes estágios do desenvolvimento capitalista mercados.

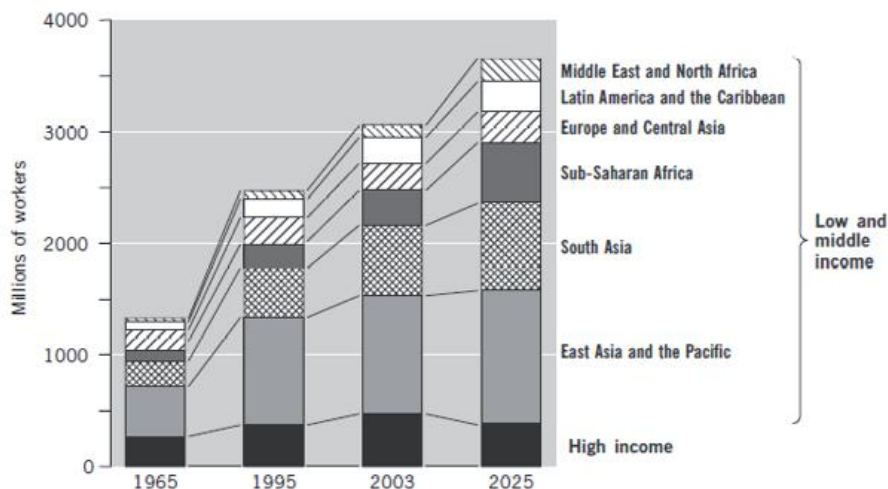
**Tabela 12: Trabalhadora assalariada feminina como Parte de todas as mulheres empregadas por regiões, 2008 (em %) 27**

	<b>Female wage laborer (as a share of all female employed)</b>
<b>World</b>	46.0%
<b>Developed economies</b>	87.5%
<b>Eastern Europe &amp; ex-USSR</b>	78.0%
<b>East Asia</b>	53.5%
<b>South-East Asia</b>	14.6%
<b>South Asia</b>	14.6%
<b>Latin America</b>	65.8%
<b>North Africa</b>	56.7%
<b>Middle East</b>	53.5%
<b>Sub-Saharan Africa</b>	14.4%

A figura 15 a seguir dá uma visão geral da distribuição da força de trabalho global por regiões. Demonstra não apenas o crescimento absoluto da força de trabalho, mas também o aumento do peso dos chamados países em desenvolvimento. Os leitores devem ter em mente que a última coluna sobre o ano de 2025 é, naturalmente, apenas uma projeção.

**Figura 15 (ver arquivo PDF): Distribuição da Força De Trabalho Global por Regiões (em milhões de trabalhadores), 1965-2025 28**

**Figure 15: Distribution of the Global Labor Force by Regions (in million Workers), 1965–2025** <sup>109</sup>



**Low and middle income=Renda baixa e média**

A base material para isso é o processo histórico do capitalismo para minar a base para a produção agrícola de pequena escala e por isso reduzir a quantidade dos camponeses. Esse processo é a base para o aumento do proletariado – na indústria e em outros setores. Na Tabela 13 podemos ver que em todo o mundo, o peso da força de trabalho mudou da agricultura para os setores industrial e de serviços. Nos países imperialistas ricos – a UE-15, a América do Norte e o Japão – o setor agrícola compreende, desde várias décadas, apenas uma proporção muito pequena da força de trabalho. Mas ainda mais importante, fora das ricas metrópoles imperialistas – ou seja, nos países com a grande maioria da população mundial – a parcela da força de trabalho empregada na agricultura diminuiu entre 2/3 e 3/4 (em 1950) para 40% (2008). Paralelo a isso, vemos um crescimento massivo da força de trabalho na indústria e nos setores de serviços.

**Tabela 13: Participação de toda a Força de Trabalho nos Setores Econômicos nas Regiões, 1950, 1977 e 2008 (em %) 29**



	Agriculture			Industry			Service		
	1950	1977	2008	1950	1977	2008	1950	1977	2008
<b>Countries with low income</b>	78%	73%	40.7%	8%	11%	21.6%	14%	16%	37.8%
<b>Countries with middle income</b>	65%	46%		14%	22%		21%	32%	
<b>Countries with high income</b>	25%	7%	3.7%	36%	38%	23.4%	39%	55%	72.8%

**Countries with low income**= Países com baixa renda

**Countries with high income**= Países com alta renda

Este crescimento massivo da classe trabalhadora global deveu-se principalmente ao crescimento do proletariado fora das antigas metrópoles imperialistas. O processo de industrialização levou necessariamente a uma enorme mudança do peso do proletariado das metrópoles imperialistas em relação aos países mais pobres. Cem anos atrás – na época de Lênin e Trotsky – o proletariado no mundo colonial e semicolonial ainda era muito pequeno. A industrialização capitalista fora da Europa, América do Norte e Japão tinha ocorrido apenas em um grau relativamente pequeno. Como mostramos no início deste capítulo, isso mudou drasticamente nas últimas décadas.

Como resultado, o centro de gravidade tanto da força de trabalho em geral quanto do proletariado, em particular, está cada vez mais se movendo para os países imperialistas semicoloniais e emergentes (como a China e a Rússia hoje). A Tabela 14 mostra a evolução nos últimos 45 anos: em 1965, um quinto de toda a força de trabalho vivia nas metrópoles imperialistas, agora é inferior a 14%.

**Tabela 14: Participação de toda a Força de Trabalho em diferentes Regiões nos anos, 1965, 1995 e 2008/09 (em %) 30**

	Labour force (in percent)		
	1965	1995	2008/09
<b>World</b>	100%	100%	100%
<b>Developed economies</b>	20%	15%	13.9%
<b>Eastern Europe &amp; ex-USSR</b>	14%	10%	6.7%
<b>South and East Asia</b>	51%	57%	57.5
<b>Latin America</b>	5%	6%	8.4%
<b>North Africa and Middle East</b>	2%	3%	4.3
<b>Sub-Saharan Africa</b>	8%	9%	9.8%

Tabela 15: Crescimento da classe trabalhadora no mundo semicolonial (em milhões) 31

Asia		Latin America		Africa	
1960	1980	1960	1980	1960	1980
93	145	36	67	16	38

A mudança da classe trabalhadora mundial em direção ao Sul tem sido muito mais significativa. Como se pode ver na Tabela 15, a classe trabalhadora na Ásia, África e América Latina cresceu nos anos 1960-1980 em 66-100%.

Desde então, o crescimento da classe trabalhadora no Sul se acelerou. Como resultado, a grande maioria da classe trabalhadora mundial vive hoje fora das antigas metrópoles imperialistas. Isso é claramente demonstrado pelas tabelas e Figuras a seguir. A Tabela 16 mostra o aumento dos assalariados que vivem nos chamados países em desenvolvimento de 65,9% (1995) para 72,4% (2008/09). Se excluir os Estados semicoloniais da UE, o número de 2008/09 é ainda maior (75%). Em outras palavras: 3/4 dos trabalhadores assalariados a vivem e trabalham nos países imperialistas semicoloniais e emergentes.

**Tabela 16: Distribuição de Trabalhadores Assalariados em diferentes regiões entre 1995 e 2008 32**

	Wage earners (in percent)	
	1995	2008/09
World	100%	100%
Countries with low and middle income	65.9%	72.4%
Countries with high income	34.1%	27.6%
Countries with high income (without semi-colonial EU-States)	-	25%
Countries with low and middle income (including semi-colonial EU-States)	-	75%

**Wage earners (in percent) Assalariados (em porcentagem)**

Essa mudança também é visível se olharmos para o setor central da classe trabalhadora – os trabalhadores industriais. Na Tabela 17 podemos ver que no ano de 2008/09 83,5% - ou mais de 556 milhões - de todos os empregados industriais (a maioria deles são trabalhadores) viviam fora das antigas metrópoles imperialistas. Nesses velhos países imperialistas "apenas" 16,5% - ou 110 milhões - de todos os empregados industriais viveram em 2008/09.

Tabela 17: Distribuição da Força de Trabalho na Indústria nas Diferentes Regiões, 2008/09 <sup>33</sup>

	Labor force in Industry (in Millions)	Distribution of industrial Labor force
<b>World</b>	666.4	100%
<b>Developed economies</b>	109.8	16.5%
<b>Eastern Europe &amp; ex-USSR</b>	39.5	5.9%
<b>East Asia</b>	226.0	33.9%
<b>South-East Asia</b>	49.9	7.5%
<b>South Asia</b>	122.2	18.3%
<b>Latin America</b>	56.1	8.4%
<b>North Africa</b>	14.9	2.2%
<b>Middle East</b>	16.4	2.4%
<b>Sub-Saharan Africa</b>	31.7	4.8%

As próximas duas figuras 16 e 17 confirmam esse desenvolvimento mostrando o aumento dos trabalhadores manufaturas que vivem no Sul de cerca de 50% (1980) para cerca de 73% (2008). Além disso, é preciso ter em mente que, no ano de 1950, apenas 34% dos trabalhadores industriais globais viviam no Sul. <sup>34</sup> Os números do emprego na indústria e do emprego industrial nas estatísticas aqui apresentadas não são idênticos, uma vez que a manufatura inclui toda a força de trabalho industrial, exceto as empregadas nos setores de mineração e construção.

Figura 16: Participação mundial dos países em desenvolvimento e o nível do emprego na manufatura, 1980-2008 <sup>35</sup>

Figure 16: Developing Countries' Share in World Manufacturing Employment, 1980–2008 <sup>116</sup>

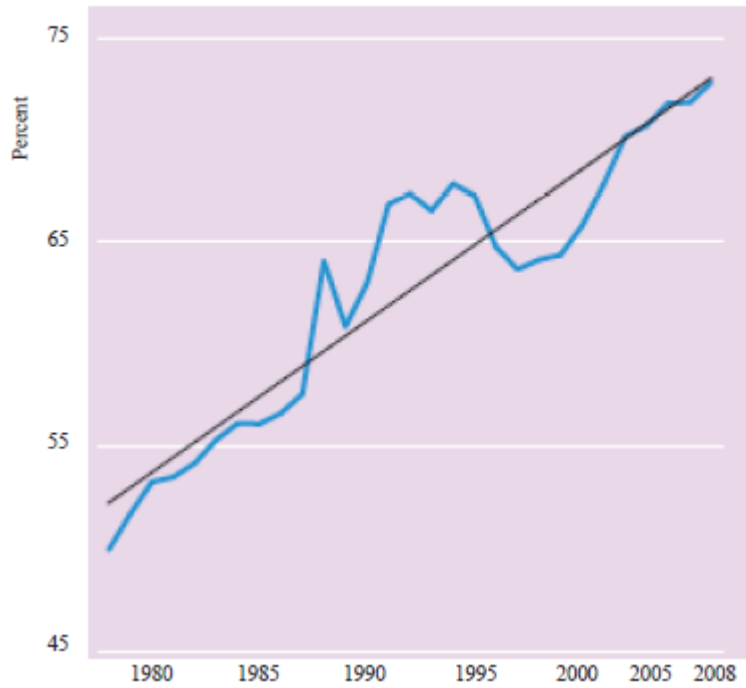
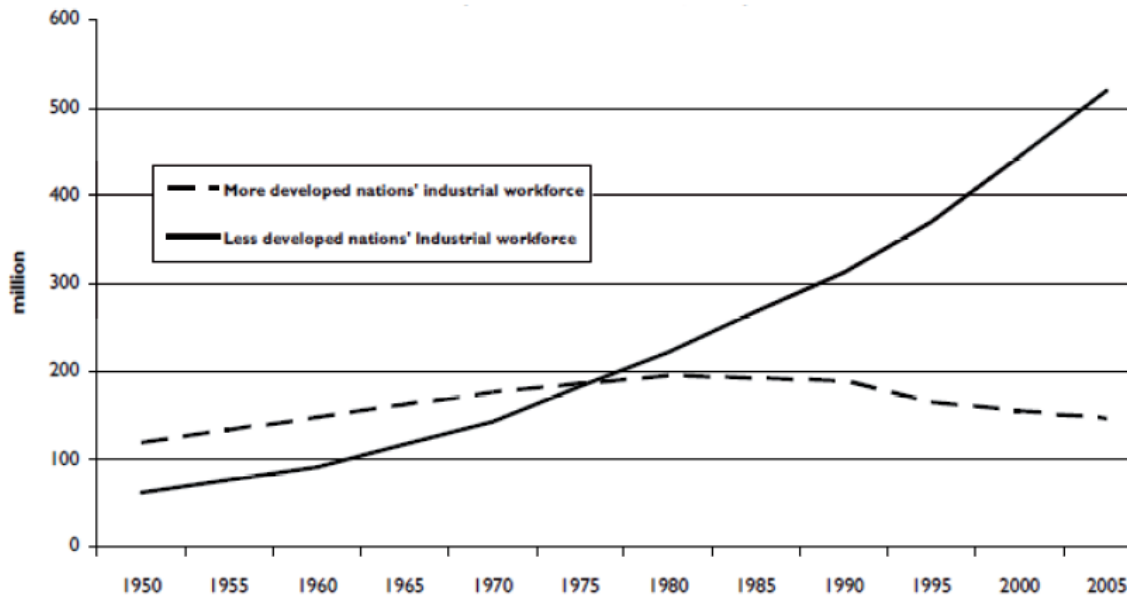


Figura 17 (ver arquivo PDF): Força de trabalho Industrial Global em Países Desenvolvidos e em Desenvolvimento, 1950-2005 <sup>36</sup>

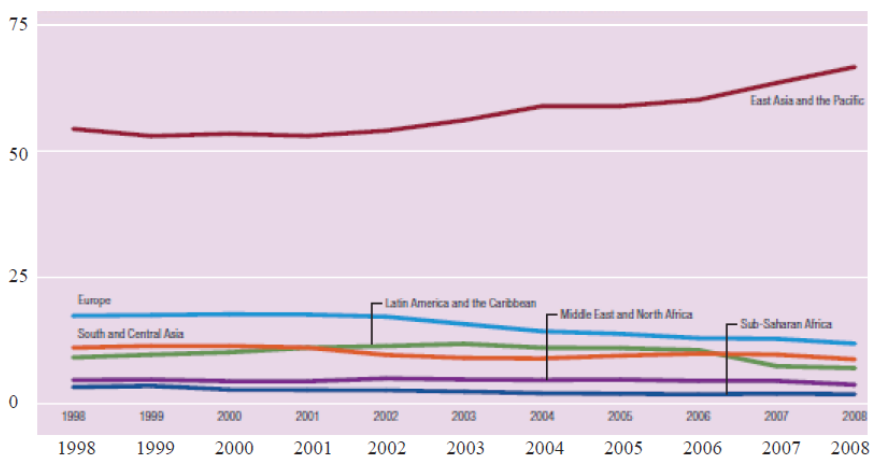
Figure 17: Global Industrial Labor Force in Developed and Developing Countries, 1950–2005 <sup>117</sup>



A figura 18 a seguir mostra a distribuição geográfica dos trabalhadores manufatureiro residentes no Sul. Pode-se ver que a maior proporção vive no leste da Ásia e, em primeiro lugar, na China.

Figura 18 (ver arquivo PDF): Participação da taxa emprego na Manufatura em Países em Desenvolvimento, 1998-2008 [37](#)

Figure 18: Share of Manufacturing Employment in Developing Countries, 1998–2008 <sup>118</sup>



Na próxima Tabela 18 detalhamos o crescimento da parte sulista da classe trabalhadora mundial da manufatura nos diversos setores.

**Tabela 18 (ver arquivo PDF): Participação da taxa de Emprego na Manufatura para Países em Desenvolvimento e Desenvolvido, por Setor Industrial, períodos selecionados entre 1993 e 2008 (em %) <sup>38</sup>**

**Table 18: Share of Manufacturing Employment for Developing and Developed**

**Countries, by Industry Sector, selected Periods over 1993–2008 (in %) <sup>119</sup>**

*International Standard Developing Countries    Developed Countries*

<i>Industrial Classification</i>	<i>1993-2000</i>	<i>2001-2008</i>	<i>1993-2000</i>	<i>2001-2008</i>
<b>Food and beverages</b>	12.1%	12%	11%	12.5%
<b>Tobacco products</b>	1.1%	1%	0.2%	0.1%
<b>Textiles</b>	10.7%	9.4%	4.5%	3.2%
<b>Wearing apparel and fur</b>	7.1%	8.2%	3.9%	2.4%
<b>Leather, leather products</b>				

<b>&amp; footwear</b>	0.8%	3.2%	1.2%	0.9%
<b>Wood products</b>				
<b>(excluding furniture)</b>	2.3%	2.5%	2.9%	3.1%
<b>Paper and paper products</b>	2.2%	2.5%	2.8%	2.7%
<b>Printing and publishing</b>	1.8%	1.8%	6%	5.6%
<b>Coke, refined petroleum</b>				
<b>products, nuclear fuel</b>	1.2%	1%	0.5%	0.5%
<b>Chemicals and</b>				
<b>chemical products</b>	8.2%	7.2%	5.6%	5.7%
<b>Rubber and</b>				
<b>plastics products</b>	3.8%	4.2%	5.3%	5.8%
<b>Non-metallic</b>				
<b>mineral products</b>	8.9%	6.6%	4.1%	4.1%
<b>Basic metals</b>	6.9%	6.4%	3.9%	3.6%
<b>Fabricated metal products</b>	4.1%	5.1%	9.2%	10.7%
<b>Machinery and</b>				
<b>equipment</b>	10.6%	8.2%	10.9%	10.8%
<b>Office, accounting and</b>				
<b>computing machinery</b>	0.2%	1%	1%	0.8%
<b>Electrical machinery</b>				
<b>and apparatus</b>	5.9%	4.6%	5.7%	4.8%
<b>Radio, television and</b>				
<b>communication</b>	0.5%	3.4%	3.8%	4%
<b>equipment</b>				
<b>Medical, precision and</b>				



<b>optical instruments</b>	1.4%	1.5%	3.2%	3.5%
<b>Motor vehicles, trailers</b>				
<b>and semitrailers</b>	6.1%	3.9%	7.3%	7.4%
<b>Other transport</b>				
<b>equipment</b>	0.4%	2%	2.4%	3%
<b>Furniture; manufacturing</b>				
<b>not elsewhere classified</b>	3.6%	4.4%	4.6%	4.8%
<b>Recycling</b>	0%	0.2%	0.1%	0.2%

---

*Industrial Classification = classificação industrial*

*1993-2000*

**Alimentos e bebidas** \_\_\_\_\_

**Produtos de tabaco** \_\_\_\_\_

**Têxteis** \_\_\_\_\_

**Vestuários e peles de animais Couro, produtos de couro e calçados**\_\_

**Produtos de madeira (excluindo móveis)** \_\_\_\_\_

**Papel e produtos de papel** \_\_\_\_\_

**Impressão e publicação**\_\_\_\_\_

**Coque, produtos refinado de petróleo, combustível nuclear**\_\_\_\_\_

**Químicos em geral e produtos químicos**\_\_\_\_\_

**Borracha e produtos plásticos**\_\_\_\_\_

**produtos minerais não metálicos**\_\_\_\_\_

**Metais básicos**\_\_\_\_\_

**Produtos de metal fabricados** \_\_\_\_\_

**Máquinas e equipamentos** \_\_\_\_\_

Máquinas de escritório, contabilidade e de computação \_\_\_\_\_

Maquinaria elétrica e aparelhos \_\_\_\_\_

Rádio, televisão e equipamento de comunicação \_\_\_\_\_

Instrumentos Médicos, de precisão e instrumentos ópticos \_\_\_\_\_

Veículos motorizados, reboques e semirreboques \_\_\_\_\_

Outros equipamentos de transporte \_\_\_\_\_

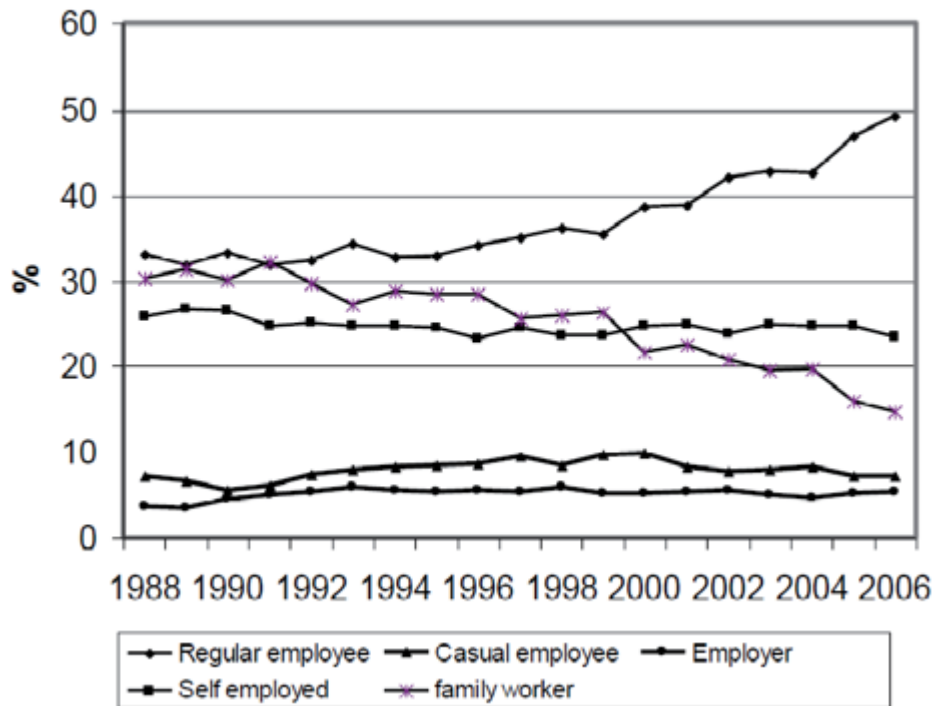
Mobília; manufaturas não classificadas em outros lugares \_\_\_\_\_

Reciclagem \_\_\_\_\_

Finalmente mostramos na Figura 19 o aumento do peso da classe trabalhadora em um importante país semicolonial, a Turquia.

**Figura 19 (ver arquivo PDF): Status de emprego na Turquia, 1988-2006 [39](#)**

Figure 19: Employment Status in Turkey, 1988-2006 <sup>121</sup>



Regular employee= Emprego regular

Casual employee= emprego intermitente

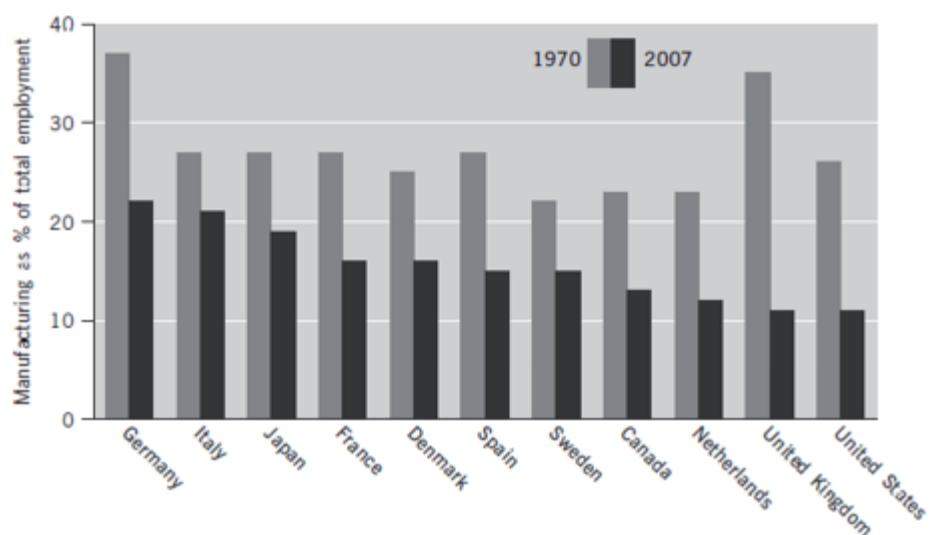
Self employed= autônomo

Family worker= Trabalho em família

A figura 20, por outro lado, demonstra o encolhimento do peso do proletariado nos antigos países imperialistas

Figura 20: A diminuição da participação da indústria no emprego total, 1970-2007 40

**Figure 20: The Declining Share of Manufacturing in Total Employment, 1970-2007** <sup>123</sup>



Os escritores da Monthly Review John Bellamy Foster, Robert W. McChesney e R. Jamil Jonna estão certamente corretos quando observam: "*É uma superexploração que está por trás de grande parte da expansão da produção no Sul global*" <sup>41</sup>

Na realidade, a mudança real do proletariado em direção aos países imperialistas semicoloniais e emergentes é maior do que as estatísticas oficiais indicam. Por quê? Porque, como observado acima, a categoria burguesa de "assalariados" inclui não apenas os trabalhadores. Geralmente pode-se dizer que nos países imperialistas ricos uma minoria considerável de assalariados não faz parte da classe trabalhadora, mas fazem parte da classe média assalariada (supervisores, policiais, gerentes de menor grau etc.). <sup>42</sup> Nos países mais pobres as classes médias assalariadas é muito menor número.

Além disso, temos que levar em conta a aristocracia trabalhista. Esta camada é a o setor mais privilegiado da classe trabalhadora (por exemplo, certos setores dos trabalhadores altamente remunerados, etc.). É o setor do proletariado que é subornado à burguesia que possui vários privilégios. Esta camada representa um setor muito maior da classe trabalhadora nos países imperialistas do que no proletariado semicolonial. A razão para isso está no suborno que a classe dirigente faz a essa camada com base nos lucros extras que são obtidos pelos capitalistas monopolistas, principalmente através da exploração dos países semicoloniais. O capital monopolista usa partes desse lucro extra para ganhar o apoio de setores da classe trabalhadora internamente, ou seja, nos países imperialistas. É ali que, em primeiro lugar, eles precisam de estabilidade. Daí a aristocracia trabalhista seja um setor muito menor do proletariado no mundo semicolonial.

Além disso, o proletariado nos países mais pobres é maior em tamanho do que os números reais nas estatísticas oficiais indicam. Uma parte considerável dos trabalhadores desses países são formalmente contabilizados não como assalariados, mas como formalmente autônomos devido ao grande setor informal. No entanto, na verdade, eles fazem parte da classe trabalhadora. Um pesquisador, ligado ao movimento sindical, observou, em um estudo sobre o movimento dos trabalhadores na África, o aumento massivo da do trabalho intermitente: *"Uma das principais experiências dos trabalhadores africanos durante o atual processo de globalização é a crescente polarização nas condições de emprego e uma crescente diferenciação na força de trabalho. À medida que as empresas optaram pelo aumento da "flexibilidade" em seu processo de produção como parte de sua estratégia de se manterem competitivas, os trabalhadores africanos perderam seus empregos permanentes em tempo integral e se tornaram vítimas da "intermitência" do trabalho. Eles foram forçados a se tornar trabalhadores de meio período, trabalhadores sazonais, trabalhadores domésticos, trabalhadores subcontratados ou tiveram que lutar pela sobrevivência no "setor informal". (...) O cenário global de desemprego em massa e pobreza em massa não é por acaso, pois permite que as corporações globais achatem os salários globalmente."* 43

Em suma, a proporção de países semicoloniais e da China imperialista emergente na classe trabalhadora mundial poderia até chegar a 80%. Podemos, portanto, concluir que hoje o coração do proletariado mundial está no Sul e, em particular, na Ásia (onde vivem 60% da força de trabalho industrial global).

Isso não significa que o proletariado nas antigas metrópoles imperialistas (ou seja, nos países relativamente ricos da Europa Ocidental, América do Norte e Japão) tornou-se irrelevante. Nada poderia estar mais errado do que tal suposição. O proletariado da Europa Ocidental, América do Norte e Japão continua a desempenhar um papel central na luta internacional de classes. Mas é essencial que os comunistas revolucionários reconheçam a importância aumentada dos países semicoloniais na Ásia, América Latina, Oriente Médio e África, bem como da emergente China imperialista. Em outras palavras, o processo da Revolução Mundial não é aquele que está na primeira linha focada e decidida nos antigos países imperialistas. Em vez disso, o proletariado no mundo semicolonial e a emergente China imperialista desempenharão um papel decisivo. A revolução árabe sublinha nossa tese da crescente importância do proletariado semicolonial.

A CCRI resumiu as consequências dessas importantes mudanças na composição da classe trabalhadora mundial em nosso programa *"O Manifesto Comunista Revolucionário"*. Nós, bolcheviques-comunistas, enfatizamos que as organizações internacionais de trabalhadores devem prestar especial atenção ao Sul do globo. O enorme peso do proletariado ao Sul deve ser refletido em sua participação massiva não só nas organizações internacionais de trabalhadores, mas também em suas lideranças. As questões de particular importância para a classe trabalhadora do Sul – a super-exploração, as lutas de libertação nacional contra o imperialismo etc. – devem tomar um lugar central no trabalho propagandístico e prático das organizações. 44

Segue-se que a luta pela independência política e organizacional da classe trabalhadora se concentra particularmente na ampla massa da classe trabalhadora – ou seja, suas camadas inferiores e médias. Isso significa que as organizações de trabalhadores - sindicatos, organizações de jovens e mulheres e,

em particular, a organização internacional revolucionária - devem refletir a mudança na composição do proletariado. Em outras palavras, para atender à crescente importância dos proletários dos países mais pobres, das mulheres, dos migrantes, etc. as organizações de trabalhadores devem se esforçar para atraí-los e organizá-los e também representá-los em suas próprias fileiras e estruturas de liderança. O futuro partido comunista revolucionário do mundo tem, portanto, ou busca um forte rosto semicolonial, jovem, feminino, migrante ou falhará em sua tarefa. Seus membros sabem o valor dessas camadas e mostram muito respeito por elas.

1 Michael Pröbsting: Die halbe Revolution. Lehren und Perspektiven des arabischen Aufstandes, Kapitel: Der Wind kommt zunehmend vom Süden. Über die wachsende Bedeutung des Proletariats der halbkolonialen und schwachen imperialistischen Staaten (A Meia Revolução. Lições e perspectivas da Revolta Árabe, Capítulo: O Vento vem cada vez mais do Sul. Sobre a crescente importância do Proletariado dos países imperialistas semicolonial e fraco); in: Der Weg des Revolutionären Kommunismus, Theoretisches Journal der Revolutionär-Kommunistischen Organization zur Befreiung, RKOB), Nr. 8 (2011), p. 9, <http://www.thecommunists.net/publications/werk-8>

2 S.L. Wygodski: Der gegenwärtige Kapitalismus (1969), Berlin 1972, p. 387

3 Hans Tammer (Hrsg.): Anschauungsmaterial. Politische Ökonomie, Kapitalismus, Berlin 1984, p. 132 e S.N. Beljajewa, E.M. Waschenzewa, I.I. Ermolowitsch, M.M. Koptew, E.I. Korezkaja, W.N. Kuwaldin, W.W. Mestscherjakow (Autorenkollektiv): Politische Ökonomie - Kapitalismus (1970), Berlin 1973, p. 137

4 As estatísticas são compiladas a partir de dois relatórios diferentes da UNIDO: UNIDO: Relatório de Desenvolvimento Industrial 2002/2003. Competindo através de Inovação e Aprendizagem, p. 149 (para o ano de 1985); UNIDO: Relatório de Desenvolvimento Industrial 2011. Eficiência energética industrial para a criação sustentável de riqueza. Captação de dividendos ambientais, econômicos e sociais, p. 142 (pelo resto dos anos)

5 UNIDO: Relatório de Desenvolvimento Industrial 2011, p. 143

6 Bill Dunn: Economia Política Global - Uma Crítica Marxista, Londres 2009, p. 229

7 UNCTAD: Manual de Estatísticas 2010, pp. 444-446.

8 UNIDO: Relatório de Desenvolvimento Industrial 2011, p. 146

9 UNIDO: Relatório de Desenvolvimento Industrial 2011, p. 155

10 UNIDO: Relatório de Desenvolvimento Industrial 2011, p. 159

11 Harpal Brar: Imperialismus im 21. Jahrhundert, Köln 2001, p. 156f.

12 David Yaffe: Grã-Bretanha - Capitalismo parasita e decadente, em: FRFI 194 dezembro 2006/janeiro 2007, p.7, <http://www.revolutionarycommunist.org/index.php/britain/1042-britain-parasitic-and-decaying-capitalism-frfi-194-dec-2006-jan-2007>. Embora não compartilhem várias de suas conclusões políticas de ultraesquerda, é preciso reconhecer que David Yaffe empreendeu por muitos anos um importante trabalho para aprofundar a análise marxista do imperialismo britânico e sua super-exploração do mundo semicolonial.

13 Chris Harman (SWP): Analisando o Imperialismo (Verão de 2003), p. 20

14 V. I. Lenin: O Programa Militar da Revolução Proletária; in: LCW Vol. 23, p. 78

15 V. I. Lenin: Imperialismo. O Estágio Mais Alto do Capitalismo (1916); in: LCW Vol. 22, p. 243

16 Leo Trotzki: Aussichten und Aufgaben im Osten (1924); in: Leo Trotzki: Europa und Amerika (Zwei Reden), Berlim 1926, p. 111; em inglês: Leon Trotsky: Perspectivas e Tarefas no Oriente. Discurso no terceiro aniversário da Universidade Comunista para Toilers of the East (1924), <http://www.marxists.org/archive/trotsky/1924/04/perspectives.htm>

17 Leon Trotsky: A Terceira Internacional Depois de Lênin (1928), Nova York 1970, pp. 19-20

18 Karl Marx: Das Kapital, Banda III; in: MEW 25, p. 820; em inglês: Karl Marx: Capital, Vol III; Capítulo 47

19 Leo Trotzki: Die permanente Revolution, in: Leo Trotzki: Ergebnisse und Perspektive. Die permanente Revolution; Frankfurt a. M., 1971, p. 11; em inglês: Leon Trotsky: A Revolução Permanente (ênfase no original)

20 Leo Trotzki: Die permanente Revolution, in: Leo Trotzki: Ergebnisse und Perspektive. Die permanente Revolution; Frankfurt a. M., 1971, p. 14; em inglês: Leon Trotsky: A Revolução Permanente (ênfase no original)

21 Nikolai Bucharin: Ökonomik der Transformationsperiode (1920), p. 69. Em inglês: Nikolai Bukharin: Economia do período de transição (1920), (ênfase em original; nossa tradução)

22 V. I. Lenin: Imperialismo e a Divisão no Socialismo; in: LCW Vol. 23, pp. 109-110

23 Ver John Smith: Imperialismo e a Globalização da Produção, Sheffield 2010, Capítulo 7, <http://www.mediafire.com/?5r339mnn4zmubq7>

24 Juliet Schor: Falácias econômicas: é hora de trabalhar mais, ou menos? In: Guardian, 10.1.2012 <http://www.guardian.co.uk/sustainable-business/economy-employee-working-hours>

25 A categoria "força de trabalho" inclui todos os envolvidos na atividade econômica, ou seja, trabalhadores, camponeses, autônomos, classe média assalariada e capitalistas.

26 International Labor Office: World Social Security Report 2010/11. Proporcionando cobertura em tempos de crise e além (2010), p. 28; Escritório Internacional do Trabalho: Relatório Salarial Global 2008/09. Salários mínimos e negociação coletiva: Para coerência política, p. 10

27 International Labor Office: World Social Security Report 2010/11. Proporcionando cobertura em tempos de crise e além (2010), p. 28

28 Peter Dicken: Mudança Global. Mapeamento dos Contornos Em Mudança da Economia Mundial (Sexta Edição), The Guilford Press, Nova York 2011, pp. 493

29 Banco Mundial: Relatório de Desenvolvimento Mundial 1979, p. 46 e pp. 162-163; Escritório Internacional do Trabalho: Tendências Globais de Emprego 2011: O desafio de uma recuperação de empregos (2011), p. 68 e nossos próprios cálculos. A categoria "Países de alta renda" inclui estados semicoloniais da UE. Para o ano de 2008, as regiões "Países de baixa renda" e "Países com renda média" são combinadas.

30 Banco Mundial: Relatório de Desenvolvimento Mundial 1995, p. 9, Escritório Internacional do Trabalho: Tendências Globais de Emprego 2011, p. 68; Direção-Geral para Assuntos Econômicos e Financeiros da Comissão Europeia: Desenvolvimento do mercado de trabalho e dos salários em 2009; em: ECONOMIA EUROPEIA Nº 5/2010, p. 188ff. e nossos próprios cálculos. A categoria "Economias desenvolvidas" exclui estados do Leste e sudeste europeu, bem como Malta e Chipre. Esses países fazem parte da categoria "Europa Oriental & ex-URSS".

31 Autorenkollektiv: Handbuch Entwicklungsländer. Sozioökonomische Prozesse, Fakten und Strategien, Berlim 1987, p. 160

32 Banco Mundial: Relatório de Desenvolvimento Mundial 1995, p. 9, Escritório Internacional do Trabalho: Tendências Globais de Emprego 2011, p. 68; Direção-Geral para Assuntos Econômicos e Financeiros da Comissão Europeia: Desenvolvimento do mercado de trabalho e dos salários em 2009; em: ECONOMIA EUROPEIA Nº 5/2010, pp. 188-190 e nossos próprios cálculos. A categoria "Economias desenvolvidas" exclui estados do Leste e Sudeste Europeu e Malta e Chipre.

33 Fontes: Escritório Internacional do Trabalho: Tendências Globais de Emprego 2011, p. 68 e nossos próprios cálculos

34 John Smith: Offshoring, Outsourcing & the 'Global Labor Arbitrage' (2008), Paper to IIPPE 2008 – Procida, Itália 9-11 setembro 2008, p. 5

35 UNIDO: Relatório de Desenvolvimento Industrial 2011, p. 150

36 John Smith: Novidades sobre "Novo Imperialismo" (2007), S. 8

37 UNIDO: Relatório de Desenvolvimento Industrial 2011, S. 150

38 UNIDO: Relatório de Desenvolvimento Industrial 2011, S. 151



39 Firat Demir e Nilgun Erdem: Desempenho do mercado de trabalho após ajuste estrutural nos países em desenvolvimento: O caso interessante, mas não tão único da Turquia; em L.K. Valencia e B.J. Hahn (Eds.), *Questões trabalhistas: Desemprego, Emprego de Jovens e Trabalho Infantil* (Capítulo 1). Nova Science Publishers, 2010, p. 46

40 Peter Dicken: *Mudança Global. Mapeamento dos Contornos Em Mudança da Economia Mundial* (Sexta Edição), The Guilford Press, Nova York 2011, p. 495

43 Herbert Jauch: *Globalização e Trabalho*, p. 8

44 Veja nesta Corrente Comunista Revolucionária Internacional (CCRI): O Manifesto Comunista Revolucionário, publicado em 2012, pp. 28-30; online no site da CCRI em [www.thecommunists.net/rcit-manifesto](http://www.thecommunists.net/rcit-manifesto)